

FRAGMENTOS DISCURSIVOS SOBRE A RACIONALIDADE NEOLIBERAL  
NA (RE)PRODUÇÃO DE MATERNIDADE(S) (IM)POSSÍVEIS:  
UM OLHAR PARA OS *PODCASTS*

---

***Discursive Fragments about Neoliberal Rationality  
in the (Re)Production of (Im)Possible Motherhood(s): A Look into Podcasts***

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-22

Iasmin Walchan\*

Vinícius Durval Dorne\*\*

---

RESUMO: Neste trabalho, fruto do recorte de uma dissertação de mestrado, pretendemos observar a forma pela qual o discurso neoliberal captura e produz as subjetividades maternas, por meio de canais de *podcasts* voltados à maternidade. Para tanto, elencamos como objetivos i) identificar a(s) posição(es)-sujeito que essas mulheres ocupam ao enunciar e ii) descrever os efeitos de sentido sobre a maternidade possibilitados pela circulação desses enunciados. Cumpre destacar que realizamos uma análise a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente sobre a ética e estética da existência, a fim de observar as relações de saber-poder e subjetivação na maternidade contemporânea. Como resultado das análises, percebeu-se que a racionalidade neoliberal perpassa grande parte dos processos discursivos que (re)atualizam os sentidos da maternidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Maternidade. Michel Foucault. Neoliberalismo. Subjetivação.

ABSTRACT: In this article, which is an excerpt from an MA thesis, we intend to observe how the neoliberal discourse captures and produces maternal subjectivities by drawing on motherhood-oriented podcast channels. We have two objectives i) identify the subject-position(s) that these women occupy when enunciating and ii) describe the effects of meaning made possible by the circulation of these enunciations about motherhood. We carried out an analysis based on Foucaultian Discourse Studies, especially on the ethics and aesthetics of existence, in order to observe the relations of knowledge-power and subjectivation in contemporary motherhood. As a result of the analyses, we noticed that neoliberal rationality permeates most of the discursive processes that (re)update the meanings of contemporary motherhood.

KEYWORDS: Discourse. Motherhood. Michel Foucault. Neoliberalism. Subjectivation.

---

---

\* Mestre em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU). ORCID: 0000-0003-3560-1677. E-mail: iwalchan9(AT)gmail.com.

\*\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professor Adjunto FACED/UFU. ORCID: 0000-0003-0629-0443. E-mail: vinicius.dorne(AT)ufu.br.

## 1 Introdução

Este trabalho se configura como um recorte de uma pesquisa de mestrado, defendida em outubro de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU) em que, de maneira geral, tentamos observar a maneira pela qual as mães são discursivizadas em canais de *podcasts* direcionados à maternidade. Tendo isso em vista, este artigo problematiza a maneira pela qual a racionalidade neoliberal captura os corpos maternos, produzindo desejos e frustrações em suas vivências.

Para que isso seja feito, então, ancoramo-nos aos estudos circunscritos pela corrente teórica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, que, entre outras frentes, busca compreender a emergência de determinados dizeres sob condições sócio-históricas específicas; ou seja, o incômodo que move os analistas é o de entender como determinados discursos podem ser ditos e circular em dado momento histórico. Nesse sentido, os estudos amparados pela Análise do Discurso foucaultiana recorrem à Michel Foucault e suas reflexões em torno do discurso, sobretudo no que se refere ao “enunciado como regularidade de um arquivo discursivo produzido em dada época, tendo em vista as condições históricas de produção e a formação dos discursos e sua relação com o sujeito e a língua” (FERNANDES, 2012, p. 79).

Somado a isso, os trabalhos de Foucault (2013; 2014) apontam para uma dimensão genealógica do poder, isto é, os discursos efetivamente produzidos ancoram-se em práticas discursivas nas quais os sujeitos, ao enunciarem, estabelecem relações sociais e, conseqüentemente, produzem saberes no mundo. Essas práticas permitem que a subjetividade dos sujeitos seja produzida de acordo com os dizeres que lhes tornam constitutivos. Isso permite pensar que o sujeito é “um efeito de uma subjetividade histórica, não fixa, sempre em produção” (FERNANDES, 2012, p. 80).

Ao seguir a compreensão de que as mídias digitais atuam como formas para que as subjetividades dos sujeitos sejam construídas e, na tentativa de compreender as práticas discursivas das mães nas mídias contemporâneas, torna-se interessante apreender os efeitos de sentido

produzidos na discursivização de si em nichos comunicacionais, nos quais o *podcast*<sup>1</sup> tem ganhado bastante destaque. Por ser um mecanismo simples de se manusear,

o *podcasting* representa inovações quanto ao processo comunicacional. Relativamente barato, exigindo apenas acesso à internet em banda larga, computadores pessoais comuns e equipamentos de gravação disponíveis em qualquer kit multimídia caseiro, o *podcasting* abala o oligopólio da produção radiofônica mantido pelas emissoras estabelecidas no dial por meio de concessões públicas. (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 232)

A vista disso, no que se refere à maternidade, é possível notar que as redes digitais, isto é, plataformas midiáticas estruturadas sobretudo na internet, atuam de modo a produzir diversas categorias sobre o que é “ser mãe” na contemporaneidade. Dessa maneira, muitas mulheres utilizam as plataformas digitais para trazer à luz temas relacionados a uma vivência menos romantizada da maternidade. Esses temas, por sua vez, circulam pela sociedade – potencializados pelas mídias - e produzem efeitos de sentidos diversos.

Nessa linha de raciocínio, é possível pensar que as mídias digitais funcionam como ferramentas úteis para a propagação de determinados dizeres em momentos históricos específicos. Desse modo, pensá-las a partir de Michel Foucault possibilita entender as condições que permitem a difusão dos discursos e/ou sua interdição. Dito isso, para empreender este recorte, tentaremos responder à seguinte questão: Como o discurso neoliberal captura e produz a(s) subjetividade(s) materna(s)? Diante disso, este trabalho tem como objetivos: i) identificar a(s) posição(es)-sujeito que essas mulheres ocupam ao enunciar e ii) descrever os efeitos de sentido possibilitados pela circulação desses enunciados na mídia.

## 2 Pressupostos teóricos

Na tentativa de compreender o modo pelo qual a racionalidade neoliberal atravessa e constitui parte das subjetividades maternas, faz-se interessante observar aquilo que Foucault (2008) denomina como “Biopolítica”, isto é, as técnicas de controle e gerenciamento da vida da população. Para Foucault (2008), a biopolítica surgiu a partir do século XVIII (momento

---

1 Alex Primo (2005, p. 22, grifos do autor) ressalta que “o termo ‘**podcast**’ sofre da mesma ambiguidade que ‘programa’: pode tanto significar um produto midiático quanto ser um de seus episódios. É preciso, contudo, não confundir **podcasting** (o processo em sua totalidade) com **podcast** [o produto].”

histórico em que despontou o liberalismo), como uma resposta aos problemas enfrentados pela prática governamental diante aos inúmeros fenômenos próprios de um conjunto de indivíduos que constituem a população. Passando por questões ligadas à saúde, higiene, taxas de nascimentos e óbitos, indo até questões ligadas às relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, enfim, todos os fenômenos sociais demandariam a criação de técnicas de gerenciamento e controle da vida.

A partir daí, nascem novas técnicas e táticas de governamentalidade que possibilitarão, por exemplo, o estímulo do aumento das taxas de natalidade ou o direcionamento da população para certas atividades, sem que os indivíduos percebam. Dessa forma, a “população aparecerá como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Assim, as técnicas de governamentalidade e o governo da vida, conceitos trabalhados por Michel Foucault, também exercem poder sobre os corpos das mulheres e das mães, uma vez que são alvos de constantes investimentos de controle em diferentes esferas da sociedade. Nesse viés, é importante destacar a “biopolítica” para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 2018, p. 154).

Nessa linha de pensamento, a biopolítica interfere fortemente na maneira pela qual a maternidade e suas diversas práticas produzem os sujeitos mães na contemporaneidade. Sendo assim, os atravessamentos dos campos políticos, econômicos e religiosos se constituem como bases de regimes discursivos que englobam a medicina e outros campos de saber-poder, os quais agenciam a produção de subjetividades maternas. Desse modo, o poder que incide nos corpos maternos age diretamente na gestão da vida da população e, portanto, caracteriza-se como uma técnica de controle de si, isto é, o governo de si a partir de representações que indicam a maneira que o corpo deve (ou não deve) ser (GREGOLIN, 2007).

Conseqüentemente, a regulamentação da vida por meio da biopolítica é capaz de materializar o poder que engendra os corpos das mães, afinal, governar os corpos capazes de perpetuar a população, fazendo-os terem mais saúde e longevidade favorece a manutenção das engrenagens econômicas presentes na sociedade (FOUCAULT, 2018), além de produzir

formas de subjetivação dessas mulheres para consigo mesmas. Nesse viés, o corpo materno é alvo de inúmeros investimentos de poder, os quais sempre estão articulados por normas e valores científicos, morais, éticos e estéticos.

De uma forma ampla, o poder sobre a vida pode ser exercido de duas maneiras interligadas: pela disciplinarização dos corpos e pela condução dos processos de governo da população e da vida – a partir de uma biopolítica, do exercício do biopoder (FOUCAULT, 2018). Na esteira disso,

[as] disciplinas produzem não apenas corpos, mas também subjetividades; não somente corpos serializados, mas, ainda, individualizados e devidamente identificados. A sociedade moderna é uma sociedade formada por indivíduos e a individualidade é uma forma de existência moderna, correlativa do moderno estatuto do indivíduo, que desenha esta figura, enuncia seus privilégios e regula limites ao exercício da individualidade. Ser sujeito moderno implica existir concretamente como indivíduo, o que quer dizer que a objetivação de sujeitos em nossa cultura se faz a partir da aplicação de técnicas de individualização. (PRADO-FILHO, 2017, p. 316)

Ao pensar essa disciplinarização dos corpos para a modernidade, este poder não atua do exterior, mas trabalha nos corpos dos indivíduos, produzindo hábitos, gestos, comportamentos e, ao final, fabrica o tipo de indivíduo necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial capitalista (MACHADO, 1979). Igualmente, essa disciplinarização dos corpos das mulheres funciona para a produção do tipo de mãe que se encaixe no modelo de sociedade vigente em determinada época, impondo comportamentos e práticas tidos como aceitos.

Tal poder, então, configura-se como uma organização espacial que distribui os indivíduos de maneira hierarquizada e classificatória, na tentativa de fazê-los desempenhar funções específicas. Dessa forma, a vigilância é sua maior característica, pois visa-se produzir sujeitos úteis e dóceis (MACHADO, 1979). Neste tipo de poder, portanto, o homem se torna efeito do poder. Assim,

[...] a ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder. Mas também como objeto de saber. (MACHADO, 1979, p. XX)

Já no segundo modo, o poder que incide sobre a vida passa pela ‘biopolítica’, isto é, aquilo que “[...] faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana;” (FOUCAULT, 2018, p. 154). De acordo com Revel (2005, p. 26),

(...) o termo "biopolítica" designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica - por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas.

Assim, os fenômenos sociais ligados aos mais diversos assuntos como a saúde, higiene, natalidade, relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade, entre outros, todos os acontecimentos sociais demandariam a criação de técnicas de gerenciamento e controle da população. Isto é, nascem novas técnicas e táticas de governamentalidade que permitirão o direcionamento da população para certas atividades: a “população aparecerá com sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer” (FOUCAULT, 2006, p, 302).

A partir dos apontamentos feitos por Foucault, observa-se que as técnicas de governamentalidade e o governo da vida também exercem poder sobre os corpos das mulheres e das mães, uma vez que são alvos de constantes investimentos de controle em diferentes esferas da sociedade. Tendo isso em mente, neste artigo em específico, como fruto do gesto analítico empreendido no nosso *corpus*, observamos como a racionalidade neoliberal captura os corpos das mulheres, produzindo diferentes efeitos de sentido e modos de viver a maternidade.

### 3 Metodologia

Para a consecução deste gesto de análise, convém destacar que interpretamos o *corpus* a partir de recortes e transcrição de sequências enunciativas, sem pretensão de descrever e interpretar de maneira individual cada arquivo sonoro (episódios de podcasts). Desse modo, os trechos aqui elencados se apresentam como parte de um trajeto temático, o qual denomina-

se “mãe: corpo-produtivo”, em que, de modo geral, percebemos a incidência de modo mais forte de aspectos da vida em uma sociedade capitalista, como mercado de trabalho e trabalhos domésticos.

Nessa linha de pensamento, ressaltamos o trabalho de Gregolin (2005, p. 9-10), “(...) o trajeto temático permite visualizar, no interior da dispersão do arquivo, momentos de regularidade, de sistematicidades que – embora instáveis – permitem a inteligibilidade de certas escolhas temáticas num dado momento histórico”.

De um modo geral, o *corpus* da dissertação de mestrado que originou este artigo foi elaborado a partir da escuta de diferentes canais de podcast voltados à maternidade na plataforma *Spotify*, a qual é, atualmente, a maior e mais popular plataforma de *streaming* no Brasil. Para tanto, realizamos uma busca pelos termos “maternidade” e “mãe” dentro da plataforma, em que foram selecionados os primeiros resultados para a busca com o termo “mãe” e a mesma quantidade de canais com o termo “maternidade”. O critério de escolha partiu da tentativa de agrupar a maior variedade de conteúdos sobre a maternidade, a fim de conseguir uma amostra diversa no que se refere às vivências da maternidade e, conseqüentemente, às formações discursivas nas quais esses enunciados se filiam. A respeito disso, destacamos que não selecionamos *podcasts* cujo objetivo era, de antemão, prescrever algum tipo de conduta, como exercícios de meditação, por exemplo. Ainda, excluímos de nossa busca resultados em línguas estrangeiras e também conteúdos produzidos por homens.

Em seguida, selecionamos o primeiro episódio publicado em cada um desses programas e os organizamos em uma lista, no intuito de classificar cronologicamente cada uma das publicações. Após essa organização, percebemos que havia: um episódio publicado em 2017; um em 2018; três em 2019; nove em 2020; oito em 2021 e, por fim, dois em 2022. Sendo assim, selecionamos os episódios dos anos de 2017 e 2018, dois episódios de 2019, dois de 2020, dois de 2021 e dois de 2022, totalizando dez episódios a serem analisados. Além disso, nos anos em que há mais de um episódio a ser analisado, optamos por selecionar um cuja publicação tenha acontecido no primeiro semestre e a outra no segundo, de modo que não houvesse repetição de meses, no intuito de identificar as regularidades que se mantêm nesses períodos de tempo.

Neste artigo, especificamente, selecionamos os canais que figuram no trajeto temático que envolve mais fortemente a racionalidade neoliberal, sendo eles: *Sinuca de Bicos* (2017);

*Mãezonas da Porra* (2018); *Cadê a mãe dessa criança?* (2019); *Carreira e Maternidade* (2020); *Clube das mães cansadas* (2021); *Maternidade real* (2021); e, por fim, *Pod, mãe* (2022). A partir disso, organizamos as sequências discursivas no intuito de compreender como a racionalidade neoliberal produz feixes de relações que propiciam deslocamentos em torno daquilo que se compreende como “ser mãe” atualmente.

#### 4 O percurso analítico

As mulheres-mães, apesar de estarem inseridas dentro da ordem do discurso ‘materno’, isto é, mesmo que tenham certa autoridade para falar sobre o ‘ser mãe’, encontram-se sob um forte conflito operado pela separação dos espaços públicos e privados, separação que é decorrente da ascensão do modelo econômico liberalista. Durante muito tempo, o papel social da mulher se restringia à esfera doméstica, assim, cuidar de sua prole enquanto os homens ocupavam os espaços públicos era tido como uma importante tarefa na manutenção da vida e, conseqüentemente, do exercício do biopoder.

Entretanto, devido às transformações no comportamento das sociedades capitalistas, somado às reivindicações dos movimentos feministas, a mulher passou a ocupar espaços no ambiente de trabalho, sem, contudo, poder se abster dos cuidados com a casa e a família. Sendo assim, nos enunciados das mulheres que falam de suas experiências nos *podcasts* em análise, observamos o funcionamento do discurso econômico e os efeitos de poder que tal discurso carrega em si.

Uma questão recorrente diz respeito a uma romantização da maternidade cujo foco é criar filhos felizes, saudáveis e docilizados para o mercado de trabalho. Contudo, percebe-se que esse enfoque é “dirigido às crianças e não àquilo que seria definitivamente possível, ou mesmo viável, para as mães e para as mais diversas configurações familiares.” (PEREIRA; TSALLIS, 2020, p. 5). Outro ponto importante se insere diante a organização masculina do mercado de trabalho, em que as mulheres precisam exercer suas funções com o mesmo ou até maior “afinco” masculino, sendo que, na grande maioria dos casos, os homens não partilham de maneira horizontal das responsabilidades domésticas que recaem sobre as mulheres.

Na história do Brasil, a interferência do Estado na órbita do trabalho feminino foi marcada por ambiguidades. As ações governamentais priorizaram a proteção e defesa da instituição familiar, reforçando a importância da



maternidade e os cuidados femininos do lar. Considerando o trabalho das mulheres fora do domicílio uma atividade provisória e/ou complementar ao trabalho exercido pelo chefe de família, tais ações, em geral, privilegiaram os homens em detrimento das mulheres no mercado de trabalho. (MATOS; BORELLI, 2013, p. 70)

Nessa ótica, a sobrecarga de trabalho das mães é perpetuada, produzindo efeitos na subjetividade dessas mães. Nos trechos (01), (02) e (03), é possível observar como as mães são atravessadas por essas questões:

- (01) Acho que aqui também entra uma questão cultural. Não é só porque carregamos o bebê na barriga, não é só porque a gente amamenta nos primeiros meses. **É que sempre foi papel exclusivo da mulher cuidar dos filhos enquanto o pai traz dinheiro pro lar. Agora a mãe também tem que trazer dinheiro para o lar, mas continua com essa responsabilidade, mesmo que velada.** Ainda que não seja dito expressamente que ela tenha essa responsabilidade, é assim que a gente se sente. Tá na hora de mudar, né? (6'35'', CADÊ A MÃE DESSA CRIANÇA, 2019)
- (02) Hoje o mundo está tão difícil. **A gente precisa do trabalho para dar uma boa vida para eles, e precisamos que eles compreendam que nem todo o tempo a gente pode ficar com eles. A gente tem o trabalho, tem as obrigações. Então a gente tem que conciliar. Acho que a vida de mulher é bem difícil.** A gente tem que saber se tem comida na hora certa, as vezes você está trabalhando, passa um pouquinho, uma meia hora que você atrasa e você fala: “meu deus, será que as crianças estão em casa? Será que elas já comeram? Será que tomaram banho?” é uma preocupação constante que a gente tem que lidar com isso o tempo todo. (17'02'', CARREIRA E MATERNIDADE, 2020)
- (03) A minha questão era que, a gente vai construindo uma carreira, vai subindo nessa carreira... e aí eu tenho um pouco de pena pra quem está nesse topo de carreira, às vezes, porque **a empresa passa a ser dona da sua vida o dia inteiro.** Não é só você pensar: “eu vou embora. Tchau, um beijo e um abraço.” O dia inteiro resolvendo demandas, o dia inteiro no celular (...) eu chegava em casa ia assistir ao Jornal Nacional e o mundo caía. Tudo o que eu tinha planejado pro dia seguinte eu tinha que replanejar e tal. Então, **eu não estava nunca com a atenção plena com eles. Eu estava aqui, mas eu estava de olho na TV com a cabeça no outro dia, pensando em outras coisas. Muitas coisas eu fui deixando de ver e de viver. Isso estava me esgotando.** (42'17'', CLUBE DAS MÃES CANSADAS, 2021)

O incômodo gerado por essas múltiplas demandas na vida das mulheres aponta para um regime de verdades em que as mães devem ser capazes de administrar não só seus filhos, mas sua casa e seu emprego, como se isso fosse uma espécie de consequência das lutas travadas pelo feminismo em prol da ausência de barreiras entre os espaços públicos e privados. Assim, tanto o discurso neoliberal quanto o discurso patriarcal continuam exercendo poderes

na vida dessas mães. Esse desequilíbrio na divisão das tarefas entre homens e mulheres também produz efeitos na subjetividade materna ao ponto de elas acreditarem que conseguirão conduzir tantas responsabilidades, como se apresenta em (04) e (05):

- (04) Eu por exemplo, não tinha uma pessoa que trabalhava na minha casa. Não quis ficar na casa da minha mãe. O meu marido, na época, ia ter, acho que, 15 dias, até menos, em casa comigo em casa com o bebê. Então eu ia ficar em casa sozinha com o bebê. E quando eu estava grávida eu pensava: que trabalho um bebê pode dar que eu não dê conta, né? É um bebê! **Vai dar pra eu fazer minha comida, vai dar pra eu lavar a minha roupa e a roupa do bebê e deixar a casa em ordem. E, obviamente, isso não aconteceu.** Logo no começo, eu lembro que eu ligava para minha mãe chorando: pelo amor de Deus, vem aqui! E minha mãe chegava na minha casa, eu dava o bebê na mão dela e ia pro quarto chorar. (01'50", MÃEZONAS DA PORRA, 2018)
- (05) A mãe que amamenta, gente, amamenta. Nas horas vagas ela trabalha. Nas horas vagas ela faz qualquer outra coisa, porque.... na verdade, a doação plena do aleitamento em livre demanda requer muito da mãe. A ausência do sono, o sono picado. Aí vêm aquelas pessoas e falam: “você tem que fazer o horário da criança”, “porque que na hora que ele dorme...” **Porque quando ele dorme eu tenho que lavar a roupa. Quem é que vai lavar a roupa da criança? Quem vai guardar a roupa da criança dentro da gaveta?** (16'21", MATERNIDADE REAL, 2021)

De uma maneira geral, espera-se que as mães se organizem ao ponto de conseguir equilibrar todas essas demandas. Consequentemente, “organizar-se diz respeito também a um aumento no contato entre mãe e filho; diz respeito à escolha, à distribuição ordenada das atividades; às formas específicas de agir e de se comportar, de modo que o cuidado de si é articulado como cuidado do outro.” (MARCELLO, 2003, p. 162).

Ao pensar a maternidade e os investimentos de poder que a produzem na contemporaneidade, torna-se possível perceber diferentes e complexos procedimentos de controle e de vigilância sobre esses corpos. Dentre essas técnicas, destaca-se o autocontrole dos atos, como visto nos trechos acima, seja para se alimentar, praticar exercícios físicos ou promover o bem estar do bebê.

Ainda, todos os cuidados médicos são rigorosamente medidos, controlados e parametrizados, desde a realização do pré-natal, com a realização de inúmeros exames, até o parto. E não só após o nascimento do bebê, o controle; as medições e regras continuam durante todo o crescimento da criança e é sobre a mãe que recai o dever e as obrigações de respeitar e cumprir rigorosamente o que é posto. Há ainda uma constante vigilância em torno

dos corpos e das condutas das mães, ainda mais diante dos inúmeros meios tecnológicos e digitais que surgiram nas últimas décadas, que expõem ainda mais as condutas, escolhas e rotinas das mulheres ao julgamento de um número cada vez maior de pessoas.

Outro ponto a ser destacado nos *podcasts* encontra-se na desproporcionalidade entre as obrigações, imposições e o peso que recai sobre os corpos das mães em comparação com as mudanças sentidas pelos homens a partir da paternidade. A impressão, na verdade, é que todas as mudanças e o fardo recaem exclusivamente sobre o corpo da mulher, enquanto que há quase uma invisibilidade da figura paterna nesses discursos. Não há fortes mudanças ou novas obrigações impostas aos homens no cuidado direto da saúde dos filhos, uma vez que a figura materna deve exercer esse papel, seja durante a gravidez seja após o parto.

Assim, nota-se um funcionamento discursivo que condiciona as mulheres grávidas a seguirem determinadas formas de cuidado com seus corpos, o que pode impactar também no corpo de seus bebês. No entender de Foucault (2008), a construção de verdades só é realizada dentro de práticas de saber-poder, as quais se localizam no interior de campos de saber e de práticas sociais. Nesse viés, os efeitos de verdade em torno da maternidade circulam e funcionam apoiados por saberes e poderes da medicina e de outros campos. Nessa perspectiva, “as mães são bombardeadas com mais informações do que conseguem absorver e o conselho é sempre apresentado como o ‘melhor para o seu bebê’, porém envolve vários outros interesses (ou problemas) sociais, políticos e culturais” (FORNA, 1999, *apud* MEYER, 2005, p. 83).

Uma vez que não há como escapar dos efeitos de poder e, na tentativa de corresponder a dada ordem do discurso sobre a maternidade, muitas mulheres buscam na literatura estratégias para melhor conduzir suas práticas, como se nota em (06) e (07); assim, os efeitos de poder passam a ser desejados por essas mães:

- (06) **Eu me lembro de ler muitos livros sobre criação de bebês e é obvio que esses livros, mesmo os mais alternativos, com o perdão da expressão, cagam um pouco de regra.** Então, era impressionante como tudo que esses livros diziam não se encaixavam na minha vida. Eu ficava tentando aplicar isso de uma forma bastante forçada, então essa coisa de: “acorde e vá amamentar na poltrona”, “espere o bebê dormir para você retomar seu sono.” Eu gastava horas nesse processo porque meu filho não saía do peito, e aí eu o fazia arrotar depois, enfim, todo esse processo. Eu lembro de me sentir muito sozinha sentada nessa cadeira de madrugada. (MÃEZONAS DA PORRA, 04’52”, 2018)

- (07) Na verdade, a minha grande expectativa pode se resumir de uma única forma: é mais ou menos o sentido de **toda essa informação que eu estou buscando pra entrar de uma forma não compulsória nesse universo da maternidade**, mas entrar com essa disponibilidade mesmo, com essa consciência de tudo isso realmente **tornar os caminhos mais fáceis**. Então, assim, teoricamente, essa é a grande questão. (05'22", SINUCA DE BICOS, 2017)
- (08) Mas eu me lembro que, **eu, que sou uma mulher das letras, sempre li e sempre busquei soluções para os meus problemas na literatura, e buscava compulsivamente ler coisas sobre bebês e puericultura para conseguir me amparar...** lembro que uma amiga maravilhosa falou pra mim: "Martha, você não vai encontrar as respostas nos livros porque não existe um livro sobre você e seu filho." (MÃEZONAS DA PORRA, 54'44", 2018)

A produção dos corpos maternos em (06), (07) e (08) é construída, mais uma vez, a partir da tentativa de reprodução de um modelo ideal de técnicas e normas a respeito da maternidade moldado por uma racionalidade neoliberal, em que as mães buscam métodos que as lancem ao sucesso, isto é, cuidar de seus filhos como se fossem máquinas, minimizando prejuízos e aumentando vantagens. Mesmo que as mulheres que enunciaram nesses trechos quisessem ser conduzidas de acordo com esses guias, nota-se que há sempre algo que lhes escapa, fracassando, pelo menos em partes, a tentativa de se encaixar de maneira plena em determinado padrão.

O modelo imposto nas sociedades contemporâneas em que a mãe ideal consegue conciliar o trabalho fora do lar com o cuidado dos filhos, cumprindo, assim, uma dupla jornada, está longe da realidade de inúmeras mulheres que não possuem nenhum ou quase nenhum amparo social. Destacam-se, nessas jornadas, as mães das classes sociais menos favorecidas, as mães solo, enfim, uma imensidão de mulheres que estão distantes de alcançar o modelo ideal e cumprir com todas as tarefas e obrigações impostas, aumentando ainda mais suas angústias diante dos fracassos<sup>2</sup>.

Ao olhar para a (des)continuidade da história e a produção de verdades, nota-se uma transformação na maneira com que a amamentação tem sido tratada pelos saberes médicos. Se outrora a amamentação natural tenha sido desestimulada pela comunidade médica,

---

<sup>2</sup> Como exemplo do desamparo vivenciado por muitas mulheres, destacamos a entrevista de Jair Bolsonaro que defende haver diferenciação salarial para mulheres pela possibilidade de engravidarem. Ver mais em: O que Bolsonaro disse... *GHZ*, 11 out. 2018. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/o-que-bolsonaro-disse-sobre-salarios-e-direitos-trabalhistas-de-mulheres-em-entrevista-concedida-a-zero-hora-em-2014-cjn585nmv04f901pi6ioxn6bv.html>. Acesso em: 04 out. 2022.

assentada na dinâmica das famílias europeias do século XVIII, cujo hábito era a contratação de amas-de-leite para os filhos (BADINTER, 1985), com a expansão do movimento higienista<sup>3</sup> em meados do século XIX, o aleitamento materno adquire seu estatuto de verdade, contribuindo para a transformação das práticas maternas.

É o aleitamento que está no cerne da revolução materna a que assistimos nos últimos vinte anos. Imperceptível, mas firmemente, ele ganha cada vez mais adeptos no mundo ocidental. Esse gesto milenar, longe de ser anódino, exprime uma filosofia da maternidade que condiciona a situação da mulher e seu papel na sociedade. Nos anos 1970, ele é trocado pela mamadeira, o que permite às jovens mães continuar a trabalhar; as que amamentam, então, constituem uma pequena minoria. (BADINTER, 2011, p. 57-58)

Essa transformação no modo com que a amamentação era tratada se tornou importante ferramenta para a mudança no modo de vida da população, a qual agora busca a majoração da vida, uma vez que ela produzirá riquezas para o Estado. A produção de subjetividades maternas, nessa perspectiva, é (re)construída dentro de uma racionalidade neoliberal que busca maximizar o custo-benefício do capital humano (RAGO, 2018). Na concepção de Foucault (2008, p. 334),

(...) os neoliberais procuravam explicar, por exemplo, como a relação mãe-filho, caracterizada concretamente pelo tempo que a mãe passa com o filho, pela qualidade dos cuidados que ela lhe dedica, pelo afeto de que ela dá prova, pela vigilância com que acompanha seu desenvolvimento, sua educação, seus progressos, não apenas escolares mas físicos, pela maneira como ela o alimenta, mas como ela estiliza a alimentação e a relação alimentar que tem com ele – tudo isso constitui, para os neoliberais, um investimento, um investimento mensurável em tempo, um investimento que vai constituir o que? Capital humano, o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda. Essa renda será o que? O salário da criança quando ela se tornar adulta. E, para a mãe, que investiu, qual renda? Bem dizem os neoliberais, uma renda psíquica.

Está lógica neoliberal é observada nos apontamentos feitos por Meyer (2000) a partir da análise do Manual de Manejo e Promoção do Aleitamento Materno, documento elaborado

---

<sup>3</sup> Foucault (1999) explica que essa transformação no campo da medicina está diretamente ligada à esfera biopolítica da sociedade, uma vez que a noção de higiene passa a ser central no controle da vida, da morte e das doenças da população.

pelo Ministério da Saúde, com apoio da OMS/OPAS/UNICEF, e entregue aos hospitais pelo país. A autora reflete que no Manual são listadas supostas vantagens às mães, aos bebês e a sociedade com o aleitamento materno, destacando-se neste último ponto proveitos essencialmente de cunho econômico-financeiros como, por exemplo, a economia ao se evitar os custos de uma alimentação artificial com fórmulas, a economia com água e combustível e, ainda, o tempo poupado ao diminuir a frequência das consultas médicas, uma vez que a criança adoeceria menos. Neste último exemplo, o Estado ainda economizaria com os custos das consultas, hospitalizações e demais serviços médicos, além de haver um controle de natalidade.

Ao enunciar que “a gente vive um conceito de desmame”, o sujeito que fala em (09) (re)atualiza os efeitos de sentido a respeito da inserção das mulheres mães no mercado de trabalho, as quais muitas vezes recorrem aos bicos artificiais para manter seus empregos. Ao mesmo tempo, ele mostra uma lógica de consumo<sup>4</sup> própria do sistema capitalista moderno, que captura o indivíduo lhe prometendo a solução para suas necessidades, nesse caso, facilitar o processo de amamentação e de cuidados com o bebê.

(09) **Amamentar é resistir. Resistir à chupeta, porque é um assédio sem tamanho da família. É resistir ao conceito de desmame, porque a fórmula está incutida dentro da maternidade. Então a gente já sai com essa listinha de dentro da maternidade.** É resistir a esse conceito de que exclusividade não precisa ser seis meses, né? Pode ser indução precoce de alimentos. É resistência pura mesmo. (...) amamentar é uma forma de resistência mesmo, com certeza. É muito penoso porque é lidar com pessoas dizendo que o leite é fraco, que o bebê chora porque está com fome, quando, na realidade, o menor dos motivos é a fome. (MATERNIDADE REAL, 01'57'', 2021)

A vista disso, a resistência mencionada pelas participantes do podcast aponta para uma prática materna que recusa a lógica capitalista que vende a solução para os dilemas maternos, ao mesmo tempo que reforça uma ideia de competição entre as próprias mães, afinal, nessa ótica, aquelas mães que não conseguiram amamentar naturalmente e aderem aos métodos artificiais são estigmatizadas. Percebe-se, então, em (09), que a relação entre resistência-

---

<sup>4</sup> No entender de Bauman (2009, p. 110), “a vida dos consumidores é uma infinita sucessão de tentativas e erros. É uma experimentação contínua, mas não de um *experimentum crucis* capaz de conduzi-los a uma terra de certezas mapeadas e sinalizadas de modo fidedigno.”

amamentação fixa regiões de sentido em que os termos “conexão”, “cuidado”, “vínculo” e “simbiose” poderiam funcionar como sinônimos para descrever essa prática.

Aponta-se, ainda, para o fato de que essa competição certamente será desigual, uma vez que os diferentes contextos políticos, socioeconômicos e culturais possibilitam diferentes condições para o sujeito ser capaz de agir de certa maneira ou pôr em prática essa resistência. Diversas circunstâncias podem influenciar decisivamente para atrapalhar ou mesmo impedir a amamentação, desde as obrigações inadiáveis com o trabalho para as mulheres mais pobres que não têm outras alternativas de se manterem, até condições clínicas como a depressão pós-parto. Assim, mesmo diante dessas desigualdades, a competitividade se instala entre as mães dentro da lógica neoliberal. Nesse sentido:

Enunciando um discurso individualizante que aposta na competitividade e que valoriza a liberdade e o risco, a razão neoliberal valoriza uma suposta autonomização das mulheres no próprio plano da subjetividade, incitadas a tornarem-se ‘empresárias de si mesmas’, livres para consumirem e assumirem todos os riscos de seus passos. (RAGO; PELEGRINI, 2019, p. 11)

Ainda, dentre essa disputa entre verdades a respeito da maternidade e seu forte vínculo com a emancipação feminina operada pelos movimentos feministas, nota-se que o discurso neoliberal captura essas pautas, produzindo como efeitos o “empresariamento de si”, como pode ser observado em (10):

- (10) **Já estava certo que eu queria cesárea, uma opção minha, tá? E tá tudo bem. Vamos deixar bem claro: cada mãe, cada mulher escolhe o que quer.** Eu tinha deixado claro para mim que se, vamos supor, se eu chegasse na maternidade com de 7cm para cima de dilatação eu tentaria um parto normal e tudo mais. E aí depois de um tempo eu mudei e quis fazer uma cesárea. Conversei com minha médica e a Eva nasceu super saudável, de cesárea, porque eu quis. (POD, MÃE, 31’01”, 2022)

Todas as práticas e discursos que envolvem a maternidade estão impregnados de mecanismos de controle social e disciplinamento, os quais são construídos e consolidados ao longo da história, razão pela qual faz-se necessário o estudo e aprofundamento dessas questões. Por meio da generalização das formas empresa, no tecido social, isto é, o empresariamento de si próprias, essas mulheres devem dar conta de acumular trabalhos sem ousar perder sua produtividade e organização. Assim, “na governamentalidade neoliberal,

instaura-se um novo regime de verdade que afirma a importância do cálculo econômico e da concorrência até mesmo em dimensões da vida antes inimagináveis como as relações amorosas, familiares e subjetivas” (RAGO, 2018, p. 133).

Este empresariamento de si, nos excertos observados, desloca toda a responsabilidade sobre o próprio sujeito, de tal modo que se algo não deu certo, ele é o culpado de seus infortúnios. No caso das mães, especificamente, o sucesso de ser uma boa mãe depende exclusivamente delas, afinal, a medicina dispõe de inúmeros procedimentos tanto para a saúde dos filhos como a da própria mulher; há milhões de informações disponíveis na internet acerca de toda a gama de assuntos que possam englobar a maternidade, o mercado de trabalho, entre outros. Dessa forma, ao capturar a maternidade, a lógica neoliberal desconsidera as múltiplas realidades e experiências de vida das mães, acirrando uma ideia de competitividade e comparação em que esse sistema opera.

Observa-se, portanto, que há uma racionalidade que faz esses e os outros dizeres sobre a maternidade serem possíveis, isto é, há uma base na qual muitos discursos se assentam e produzem sentidos sobre o que é ser uma mãe na atualidade. Em grande parte dos trechos analisados, existe uma forte ligação com os discursos do neoliberalismo que capturam os corpos maternos, disciplinando-os, esquadrinhando-os e tornando-os cada vez mais úteis à dinâmica de gestão da vida e produção de riquezas para o Estado.

O cumprimento de todas as regras e imposições dessa maternidade ideal está longe da realidade das mulheres que não possuem nenhum ou quase nenhum amparo social. E, se até para as mães mais privilegiadas sob o ponto de vista econômico, essa tarefa se mostra praticamente impossível, o que dizer das mães em situação de vulnerabilidade social, as mães solo, as mães de crianças atípicas, as mães LGBTQIA+? Enfim, uma imensidão de mulheres que estão distantes de alcançar o modelo ideal e cumprir com todas as tarefas e obrigações impostas, aumentando ainda mais suas angústias diante dos fracassos.

## 5 Algumas considerações

Na análise, observou-se que os enunciados produzidos por esses sujeitos (mulheres cisgênero, heterossexuais, de classe média e brancas) na defesa de uma maternidade “real” nos *podcasts* são regidos por relações de poder que propiciam modos de subjetivação



amparados em novos regimes discursivos sobre o “ser mãe”, além de atualizar e (re)significar os efeitos de verdades existentes.

Ainda, observamos como as mães encaram o fato de viverem em uma sociedade contemporânea em que é imposto um modelo no qual a mãe ideal consegue conciliar o trabalho fora do lar com o cuidado dos filhos, cumprindo, assim, uma dupla jornada, ou seja, tendo o dever de cuidar de seus filhos e trabalhar como se fossem máquinas. Além disso, esse modelo ainda impõe que as mães tenham a responsabilidade pela vida da criança, para que esta nasça e cresça com saúde e, conseqüentemente, seja útil para a sociedade, gerando menos problemas ao Estado, evidenciando uma racionalidade neoliberal.

Notamos, assim, que subjetivação dos corpos maternos passa pela racionalidade neoliberal e produz como um de seus efeitos o “empresariamento de si”, em que as mães devem otimizar seu tempo e suas relações de modo que consigam cumprir com uma série de prescrições para que sejam reconhecidas como boas mães. A vista disso, nota-se que as mães contemporâneas estão inseridas sob uma espécie de paradoxo entre o mundo do trabalho (a ideia de realização profissional, a necessidade de sobrevivência financeira) e o mundo do cuidado (a criação com apego, a afetividade familiar), o que culmina em sentimentos de fracasso e insatisfação, como vimos.

Além disso, nota-se uma intensa valorização do tempo dispensado aos cuidados com os filhos revelando o interessante movimento operacionalizado pela biopolítica, que aponta para investimentos de poder que produzem, controlam e vigiam os corpos maternos. Assim, o que se produz a partir da atuação desses poderes é uma disputa em torno da sexualidade feminina e da gestão da vida da população.

Nesse sentido, entendemos que as mães da contemporaneidade são constituídas a partir do imbricamento de campos heterogêneos, como o político, o econômico e o social. Assim, o discurso de si produzido por essas mulheres aponta para uma prática materna mais crítica, que se recusa a perpetuar alguns modelos cristalizados em torno de um ideal de maternidade. Entretanto, diante do recorte efetuado por este trabalho, percebeu-se que nem todas as subjetividades maternas puderam ser abarcadas, como a questão de mães negras, mães LGBTQIA+, mães pobres, entre outras, pois o *corpus* de análise se desenvolveu a partir de um enfoque cisgênero, de classe média e branco.

A vista disso, embora reconheçamos que existem várias outras possibilidades de vivenciar a maternidade, as quais perpassam questões de classe, gênero e raça, notou-se que a maternidade circunscrita nos *podcasts* analisados fala de um lugar fora da realidade de muitas mães brasileiras e, justamente por isso, faz-se necessário investigar os motivos pelos quais há essa exclusão, trabalho que pretendemos nos debruçar futuramente.

## Referências

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito – a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L; HABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Lisboa: Edições 70, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – v. 1: a vontade de saber**. [1926-1984]. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. *In*: SEMINÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO (SEAD), 2., Porto Alegre, 2005. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4., n. 11., p. 11-25, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatório (\*OBS)**, v. 3, n. 1, p. 223-238, 2009.

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. VII – XXIII.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147

MARCELLO, Fabiana Amorim. **Dispositivo da maternidade**: mídia e produção agonística de experiência. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MEYER, Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005. Disponível em: [www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198](http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198). Acesso em: 01 dez. 2020.

PEREIRA, L. C.; TSALLIS, A. C. Maternidade versus sacrifício: uma análise do efeito moral dos discursos e práticas sobre a maternidade comumente engendrados nos corpos das mulheres. **Pesq Prát Psicossociais**, v. 15, n. 3, p. 1-14, 2020.

PRADO-FILHO, Kleber. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, 2017. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n2p311>

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no Podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 13, 2005.

RAGO, Margareth. Empresárias de Si mesmo? Recuso-me, Denuncio! *In*: RESENDE, Haroldo de. (org.). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 127-142.

RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício. **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019. (Coleção Entregêneros).

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

Recebido em: 26.01.2023

Aprovado em: 29.03.2023